

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- TRABALHO

PEQUENOS SOLIDÁRIOS: A EXPERIÊNCIA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO CENTRO SOCIAL MARISTA SANTA MÔNICA NA CIDADE DE PONTA GROSSA/PR

Peterson Alexandre Marino¹

Camila Sopko²

Lillian Cristina Cruvinel Torres³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência da Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol no Centro Social Marista Santa Mônica, a qual perpassou por um projeto de extensão criado no ano de 2017 buscando trabalhar com alunos de 11 a 14 anos com os temas referentes à: economia solidária, autogestão, cooperativismo, ajuda mútua e respeito ao meio ambiente. Esse trabalho teve seu início em abril de 2017 e continua em andamento até o presente momento. Conta com a participação de 13 alunos/as do supracitado Centro Social, desempenhando as atividades no período de contra turno escolar. Desta forma, este resumo expandido busca explicar as limitações e potencialidades do trabalho da incubadora dentro de uma escola com alunos das mais diversas idades.

Palavras-chave: Economia Solidária. Autogestão. Cooperativismo.

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1980 e 1990 o cenário brasileiro sofreu uma grande crise econômica que entre muitas consequências uma delas foi o agravante da pobreza e da exclusão social, principalmente no que se refere as classes sociais mais vulneráveis. Com isso o número de trabalhadores desempregados, o trabalho precário e a marginalidade foram aumentando dentro dessa conjuntura, atingindo pessoas das mais diferentes idades, faixa etária, raça ou sexo, mas vale ressaltar que foi sobre o pobre vulnerável que recaiu maior parte desse contexto de precarização econômica e social. (BEHRING, 2008)

Dentro desse contexto tinha-se a necessidade de fazer algo que evitasse cada vez mais essa precarização e a exclusão social, desta forma, começa o surgimento de trabalhos cooperativos e associados, os quais percebeu-se que os trabalhadores se uniram para começar

1 Docente supervisor do projeto. Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: petermarino@hotmail.com

2 Mestranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Email: camila.sopko@gmail.com

3 Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Email: lillicruvineltorres@hotmail.com

a trabalhar de forma autônoma e coletiva. Através desse contexto houve o surgimento da Economia Solidária no contexto brasileiro.

Segundo Vecchia *et al.* (2011), a crise que perpassou o Brasil e a América Latina entre os anos de 1970 e 1980 pela crise da dívida externa deve resultados por um amplo movimento de transformação social. Na década de 90 com maior parte do setor da economia privatizado levou a situações as quais desencadearam no processo de desemprego os quais dobraram entre 1991 e 1999. Desta forma, começou a surgir os primeiros grupos de trabalhadores que se reuniram para tentar sair do desemprego, com o apoio de alguma Igreja, ONG ou sindicato. Assim, a universidade começou a pensar no que poderia fazer sobre essas situações. Que ferramenta social poderia combater a fome e a miséria que assolavam nosso país?

Podemos considerar que o processo para transformação social demandou a participação de várias instituições que tinham influências na sociedade. Assim se deu a formação de várias parcerias que estão juntas com a Economia Solidária até hoje, tais como as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP), as quais são incubadoras universitárias que tem o propósito da articulação do tripé: ensino, pesquisa e extensão na universidade. As ITCP se consolidaram de tal forma que hoje encontramos em torno de 33 ITCP espalhadas pelas universidades brasileiras trabalhando com os empreendimentos econômicos solidários dentro da perspectiva da economia solidária.

Segundo Cruz (2004), o surgimento das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares se deu no final do século XX, decorrente do grande número de cooperativas, associações e grupos informais que estavam sendo formados em moldes de produção igualitários neste período. Isto estava ocorrendo por causa da situação em que estava se encontrando os países da América Latina devido a implementação de políticas neoliberais.

O autor ainda reconhece que várias situações estavam decorrendo deste período, mas o que pode se afirmar como destaque foi à piora para as condições de emprego e renda por parte dos pobres, como também a maior concentração de renda e riqueza na mão de poucos.

A Economia Solidária apresenta-se como um conjunto de alternativas às formas de produção e consumo na nossa sociedade, fomentando a inclusão social, a autogestão, a participação coletiva nas relações de trabalho e a preservação dos recursos naturais.

A Economia Solidária se define como uma nova forma de economia que vem contra a economia capitalista. Conforme Singer; Souza (2000, p. 19) os princípios da Economia Solidária são:

1. [...] democracia na sociedade, para cada sócio um voto,
2. A sociedade seria aberta para quem quisesse participar, desde que integrasse a cota de capital mínima igual para todos;
3. Qualquer dinheiro investido na cooperativa seria remunerado por

taxa de juro, mas não daria a seu possuidor qualquer direito adicional de decisão; 4. tudo que sobrasse da receita, deduzidas todas as despesas, inclusive o juro, seria distribuído entre os sócios em proporção às compras que fizessem na cooperativa; 5. Todas as vendas seriam à vista; 6. Os produtos vendidos seriam sempre puros e de qualidade; 7. A sociedade deveria promover a educação dos sócios nos princípios do cooperativismo. 8. A sociedade seria neutra política e religiosamente.

Devemos ter clareza que a Economia Solidária vem para propor uma nova forma de economia, baseada em princípios de igualdade, autogestão, associativismo e respeito ao meio ambiente, porém esta não deve ser baseada em uma economia de pobre, ou uma economia para minimizar os efeitos colaterais do capitalismo, a economia solidária se mostra como uma alternativa que vai contra o capitalismo e os impactos que são causados na sociedade.

A Economia Solidária vem como uma nova forma de economia. Mesmo situada em tempos de crise esta não vem para minimizar os efeitos de desemprego e exclusão trazidos pelo capitalismo. Esta vem por trabalhadores que optam por viverem de uma maneira mais igualitária e mais justa mesmo estando inseridos num sistema que faz o contrário destes princípios.

Nós costumamos definir Economia Solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de Economia Solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. (SINGER, 2008, p. 289)

Trabalhar na perspectiva da economia solidária significa quebrar com paradigmas que vivemos na contemporaneidade de que o trabalho é somente aquele que se tem a figura de um chefe, ou aquele trabalho onde você é seu próprio chefe (trabalho autônomo). A economia solidária nos mostra um trabalho onde todos podemos ser chefes e todos podemos tomar decisões referentes ao empreendimento econômico solidário em que trabalhamos.

A incubadora de empreendimentos solidários – IESol, teve seu surgimento no ano de 2005 como projeto de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e tem como objetivo trabalhar com grupos de geração e complemento de renda que tenham por interesse os princípios da economia solidária. Atualmente a IESol presta assessoria há 13 grupos diferenciados, entre eles: agricultura familiar, artesanato, cozinhas comunitárias, associações de catadores, entre outros.

OBJETIVOS

Apresentar e debater a Economia Solidária em seus aspectos práticos e teóricos, a partir do desenvolvimento de uma metodologia apropriada para a atividade com os alunos do Centro Social Marista Santa Mônica.

METODOLOGIA

No ano de 2014 com a aprovação do edital do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares surge a oportunidade de trabalhar com a incubação de território do bairro Santa Mônica, e nesta incubação tinha com o objetivo a formação e a articulação de agentes comunitários do bairro que reproduzissem e aderissem a perspectiva de trabalho econômica solidária. Um dos grandes influenciadores no bairro é o Centro Social Marista Santa Mônica, o qual é uma escola de ensino fundamental ao médio e seus recursos são provenientes de uma rede privada, porém os alunos lá inseridos não custeiam nenhum tipo de mensalidade na escola. Com a visibilidade do trabalho da IESol na comunidade o Centro Social Marista Santa Mônica teve interesse em começar a reproduzir essa experiência para seus educandos, e desta forma, foi criado um projeto de extensão em contra turno do horário de aula das crianças, intitulado como: “Iniciação científica de Humanas”, com alunos do quinto ao nono ano.

Este projeto de extensão teve seu início no mês de abril de 2017 e terá seu encerramento no mês de novembro deste mesmo ano. Para realização dessa iniciação científica a IESol teve vinculação com uma professora do Centro Social Marista Santa Mônica que é responsável pelo projeto e acompanha e participa de todas as atividades desenvolvidas

Os alunos participam ativamente, com estudos de textos, tarefas sobre Economia solidária, elaboração de estatutos, organização dos clubes de trocas, tanto internamente no colégio, como na comunidade, ou seja, serão multiplicadores da economia solidária.

Desde o mês de abril foram realizados encontros semanais com as crianças e foram trabalhadas formações, tais como: João e a bola, onde exemplificávamos com as crianças que nosso egoísmo e a falta de compartilhar estavam inseridas em muitas situações rotineiras. Foi também trabalhado temas de autogestão através da dinâmica “banda de rock” buscando mostrar para as crianças a diferença entre uma pessoa escolher o nome de uma banda e de todos juntos entrarem em consenso para a escolha deste. Para esta dinâmica foram feitos grupos, onde no grupo 1 apenas o líder tinha o direito da escolha. No grupo 2 o líder ouvia apenas dois dos integrantes. Já no grupo 3 era o grupo autogestionário, onde era feita uma votação e vencia o nome que tinha maior adesão dos membros da banda. Também foi trabalhado com eles textos do Thomas Moore, onde o objetivo era trabalhar Utopia, e desta maneira exemplificar para as crianças que os sonhos e a ideia de um mundo igualitário é possível. As discussões feitas a partir destas dinâmicas foram de extrema importância, já que

as principais falas mostraram que a utopia para muitas dessas crianças era ter uma cama para dormir, ou comida para comer. Também foi citado a questão do desemprego onde muitas crianças falaram que é uma situação decorrente em suas famílias onde pais e mães se encontram desempregados.

Em todas as formações a equipe da IESol se deslocava até o colégio para o encontro com os educandos, mas antes do clube de trocas estes tiveram por interesse em conhecer a universidade, como também a feira de economia solidária que acontece nas quintas-feiras na UEPG do campus central. Sob essa questão, foi agendada uma visita em que os educandos, a professora e a assistente social do Centro Social Marista Santa Mônica foram conhecer a UEPG, visto que essa seria a primeira experiência para todos os educandos da iniciação científica. Nessa visita houve 100% de participação de todos os educandos, eles conheceram todas as áreas da universidade, como também conheceram e fizeram perguntas para os empreendimentos econômicos solidários que estavam comercializando na feira solidária.

Todas essas discussões além de ter como objetivo a multiplicação da economia solidária, também a capacitação e articulação para o clube de trocas no Centro Social Marista Santa Mônica, que foi realizado no dia 30 de junho de 2017 e que mais para frente será avaliado e exposto neste presente estudo.

RESULTADOS

Como o trabalho aqui proposto ainda está em andamento, fica difícil uma avaliação mais criteriosa, porém percebe-se desde já a adesão e o interesse na participação dos educandos. Todos integrantes se inscreveram de maneira voluntária para participar das atividades do projeto de extensão. Até o presente momento não houve desistências, como também as faltas são mínimas. A participação é satisfatória, percebemos os alunos engajados no tema, fazem as leituras e até mesmo recomendam outras para os professores e colegas. Em relação ao clube de trocas este aconteceu com os outros dois projetos de iniciação científica que o Centro Social possui. A responsabilidade de organizar, divulgar e montar foi todo dos educandos, e essa tarefa demorou em torno de dois meses para ser realizada. Eles fizeram convites e distribuíram em cada projeto. Fizeram cartazes de divulgação e colocaram na escola, e também fizeram um regulamento com regras de participação do clube de trocas.

Para iniciar o clube de trocas foram feitas atividades como teatro, música e dança, buscando fazer uma introdução antes de iniciar. O clube de trocas teve grande participação dos educandos dos outros projetos, percebemos que foi em torno de 30 alunos a participação. A maior potencialidade percebida nesse projeto foi a adesão em relação a autogestão. O clube

de trocas foi um processo extremamente autogestionário que incluiu a participação de todos e não houve uma figura de um líder. As crianças e adolescentes passaram a ouvir as sugestões e críticas de todos os colegas para poder realizá-lo da maneira mais democrática possível e desta maneira eles conseguiram realizar um clube de trocas de maneira efetiva e trazendo bons resultados para ser aplicado futuramente na comunidade, a qual é a intenção dos educados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão, aliado à iniciação científica do Colégio, nos proporcionou os primeiros passos de economia solidária e autogestão para a introdução de novos valores no cotidiano de crianças e adolescentes que participam desta atividade. Percebe-se que as crianças mais novas tem maior aceitação em relação ao clube de trocas, uma vez que estas não são tão apegadas ao valor material das coisas.

As atividades foram pensadas em uma metodologia que pudesse abranger educandos desde 11 até 14 anos. Fez-se a necessidade de pensar uma dinâmica de trabalho participativa, uma vez que cada formação com as crianças e adolescentes tem duração de quatro horas, fazendo assim a necessidade de que houvesse interação entre os participantes – sob o risco de que o momento fosse monótono para eles/as.

REFERÊNCIAS

BEHRING, Elaine Rosseti. **Brasil em Contra Reforma** – desestruturação do Estado e perda de direitos. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CRUZ, Antônio. É caminhando que se faz o caminho – diferentes metodologias das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil. **Cayapa** – Revista Venezuelana de Economía Social, Mérida (Venezuela), v.4, n.8, pp. 38-57. 2004. Disponível em: <http://base.socioeco.org/docs/_pdf_622_62240803.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2017.

SINGER, Paul. SOUZA, André Ricardo de. (Org.). **Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____, Paul. Economia Solidária: entrevista com Paul Singer. **Estudos avançados**. v. 22, n. 62, p. 289 – 314. 2008.

VECHIA, Renato Della. TILLMANN, Reinaldo, NUNES, Tiago, CRUZ, Antonio. Rede de ITCP'S – Passado, presente e alguns desafios para o futuro. **Revista Diálogo**, Canoas- RS, n. 18, pp. 115-144, Jan-Jun. 2011. Disponível em: <<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/107/123>>. Acesso em: 07 jul. de 2017.